

Negação verbal no português paulistano: envelope de variação

(Negative verbal structures in Paulistano Portuguese: envelope of variation)

Rafael Stoppa Rocha¹

¹Universidade de São Paulo (USP)

rocha87@gmail.com

Abstract: This paper proposes an envelope of variation for the study on verbal negation structures in Paulistano Portuguese. Although Brazilian Portuguese maintains a threefold system of verbal negatives (NEG1, NEG2, and NEG3), this paper argues that Paulistano Portuguese envelope of variation consists of two structures (NEG1 and NEG2). For this study on verbal negatives, the discussions are based on examples extracted from a sample of 12 recorded interviews distributed equally in two genders, three ages and two levels of formal study. In order to define the envelope of variation for the study on negatives in São Paulo, this paper discusses the model presented by Schwenter (2005).

Keywords: verbal negation; envelope of variation; Paulistano Portuguese.

Resumo: Este artigo tem como objetivo propor um envelope de variação para a negação verbal para o português falado em São Paulo. Apesar de existirem três variantes de negação verbal em português brasileiro (NEG1, NEG2 e NEG3), propõe-se que o Envelope Paulistano para essa variável seja composto de apenas duas estruturas (NEG1 e NEG2). Para este estudo, analisam-se exemplos extraídos de uma amostra de 12 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas em sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. A fim de delimitar o envelope de variação, discute-se o modelo de análise apresentado por Schwenter (2005).

Palavras-chave: negação verbal; envelope de variação; português paulistano.

Introdução

O objetivo deste artigo é delimitar um envelope de variação para a negação verbal no português paulistano. Para isso, discute-se o modelo de análise dessas estruturas em português brasileiro (PB) proposto por Schwenter (2005) e, em seguida, delimita-se o envelope que contempla as variantes de fato realizadas na variedade paulistana do português (doravante VPP). Em PB, há três estruturas de negação verbal, que serão chamadas, daqui em diante, respectivamente de NEG1, NEG2 e NEG3:

NEG1 consiste na negação exclusivamente pré-verbal [Neg V]:

- (1) D1: você tanto pela percepção espírita ou mesmo pela percepção física mesmo você acha que você consegue perceber então a diferença
S1: sem dúvidas sem dúvida é que **as pessoas NÃO se atentam pra isso...** quando você começa a estuda(r) os fenômenos espirituais você vê a relação espírito-matéria então pra você entende(r) como que arroz feijão batata vira você como nós somos inteligentes então a matéria tem comando

inteligente a matéria é burra por si então ela tem que ter comando inteligente então como ele é inteligente ele interage com o meio e que forma o comportamento dos indivíduos o trânsito [M3+]¹

Diferente do exemplo acima, NEG2 e NEG3 possuem um elemento negativo (advérbio *não*) pós-verbal. Em NEG2, esse elemento pós-verbal se soma ao elemento pré-verbal, como no trecho abaixo [Neg V Neg]:

(2) D1: você morava com seus pais ainda?

S1: morava... era assim... se eu pagava [hes.] quinhentos de faculdade... eu comprava de material assim por mês uma faixa de cento e cinquenta duzentos caneta de nanquim era papel canson era papel amanteigado era/ nossa... tinta tela nossa era coisa assim (xxx) ...e outro mundo... gastava dinheiro (que nem uma) doida lá... mas... fiz minha faculdade me formei continuei trabalhando na faculdade de Filosofia né? aí falei não agora chega **NÃO vou mais faze(r) faculdade NÃO...** tem/ tive por um bom tempo sabe pretendia faze(r) alguma coisa meu pai queria que a gente fosse advogado de qualque(r) jeito (xxx) no fim que que eu mexo? no fim eu mexo com que? com a parte [hes.] de licitação que é uma parte bem assim sabe que você precisa te(r) conhecimento né? de risco tudo pra você pode(r)... mexe(r) né? [F3+]

A estrutura NEG3, por sua vez, apresenta exclusivamente o elemento pós-verbal [V Neg]:

(3) D1: e estuda tudo na mesma escola?

S1: não... estuda(m) em escola:: tipo... em o(u)tra escola... **coloquei junto NÃO...** [F1-]

Apesar de ainda pouco estudada, a variação da negação verbal vem apresentando resultados interessantes em estudos em dialetos rurais e quilombolas. Cavalcante (2007), em seu estudo sobre três comunidades afro-brasileiras no interior da Bahia, aponta para variação estável em relação às três variantes da negativa verbal. Apesar disso, NEG2, por exemplo, seria favorecida pelo conservadorismo das comunidades estudadas. Barne (2005) e Cavalcante (2007) também apontam, por exemplo, para possíveis limitações de uso das variantes não-canônicas em sentenças encaixadas.

Entretanto, neste trabalho, o envelope de variação será delimitado por restrições discursivo-pragmáticas em relação ao estatuto informacional da proposição negada (cf. “Envelope de Variação”). Enfim, conclui-se que as variantes características da fala paulistana são NEG1 e NEG2 (cf. “Os dados paulistanos”).

Objeto de estudo

As três formas de negação verbal exemplificadas acima não têm sido comumente objeto de estudos linguísticos em PB, sobretudo numa abordagem variacionista. Neste item são apresentadas a tipologia dessas variantes, suas abordagens mais comuns em PB e, em seguida, a delimitação do objeto deste trabalho.

¹ Nos exemplos, “D1” e “S1” se referem, respectivamente, a Documentador(a) e Informante. Os códigos entre colchetes logo após os exemplos indicam o perfil do informante cujo trecho de fala está representado. O primeiro indica o gênero do informante (M – masculino ou F – feminino); o segundo, a faixa etária (1: entre 20 e 35 anos; 2: 36-55; e 3 – mais de 55); o terceiro informa a escolaridade do informante (“+” para aqueles que estudaram até o Ensino Médio e “-“ para aqueles que chegaram ao nível superior). Para a referência completa dos perfis dos informantes, ver “Corpus”.

Na literatura sobre as estruturas negativas, NEG1, NEG2 e NEG3 são frequentemente divididas em canônica e não-canônicas (SCHWEGLER, 1991 apud MELLO et al., 1998; BARME, 2005; SCHWENTER, 2005). Em português, a negação canônica é aquela exclusivamente pré-verbal (NEG1), uma vez que, além de ser a forma mais antiga, é também a mais frequente na fala (BARME, 2005; SCHWENTER, 2005; CAVALCANTE, 2007), a forma característica da fala culta e praticamente categórica no português escrito (ILARI; BASSO, 2006).

A oposição entre negações canônicas e não-canônicas não é apenas observada em PB. Há exemplos similares em outras variedades do mundo lusitano, como nas variedades de Angola e São Tomé (MELLO et al., 1998; SCHWEGLER, 1998). As negações não-canônicas ocorrem também no italiano *non V mica* (SCHWENTER, 2005), no francês *V pas* (BARME, 2005), no palenquero *nu V nu* (SCHWEGLER, 1998), e em línguas do grupo banto *caná V caná* (MELLO et al., 1998; PETTER, 2004; BONVINI, 2008).

No âmbito dos estudos formais sobre a negação, costumam-se estudar aspectos como o escopo da negação (MIOTO, 1992; ILARI; GERALDI, 2006) e o fenômeno que se costuma chamar de *dupla negação* em inglês,² iniciado por Klima (apud BRENNER, 1981):

- (3) He doesn't often really not understand.³

Em português, os exemplos de dupla negação mais comumente investigados consistem na colocação de advérbios negativos (não redundantes) e quantificadores na posição pós-verbal sem o apagamento do elemento pré-verbal (BRENNER, 1981):⁴

- (4) Cláudia não sai nunca.
(5) Cláudia não viaja jamais.
(6) Cláudia não viu nada.
(7) Ninguém não veio.

As formas NEG2 e NEG3 são ainda abordadas por alguns autores como provenientes de contatos linguísticos entre o português e línguas dos grupos kwa e banto (MELLO et al., 1998; BONVINI, 2008). Segundo Bonvini (2008), Pedro Dias relata com espanto a variante NEG2 falada no Brasil. Em sua gramática do quimbundo, em 1697, exemplifica estrutura similar:

Tem o verbo negativo a mesma conjugação que o verbo, Cuzóla, de que fallamos, ao qual acrescentando esta palavra Caná, antes, ou depois do verbo, fica negativo. v.g. Canangazóla, não amo, Canággiba, não matei. Porém posta antes, & depois do verbo, nega com efficacia. v.g. Canággiba caná, não matei não. (BONVINI, 2008, p. 38).

Não há, no entanto, consenso sobre a origem de NEG2 no PB. Alguns autores, como Mello (apud MELLO et al., 1998) e Noll (2008), acreditam que essa forma é oriunda do próprio português antigo.

2 Diferente daquilo que se propõe estudar aqui como *negação dupla*.

3 “Ele frequentemente não realmente não entende” (KLIMA apud BRENNER, 1981); livre-tradução.

4 Os exemplos (5)-(7) foram extraídos de Brenner (1981); (8) foi extraído de Noll (2008).

Sob o aspecto dialetológico, as estruturas NEG2 e, principalmente, NEG3 são por vezes apontadas como variantes características do falar nordestino brasileiro (MARROQUIM, 2008 [1945]; SCHWEGLER, 1991 apud MELLO et al., 1998; BARME, 2005; SCHWENTER, 2005); dessa forma, elas chegam inclusive a ser empregadas em textos literários que buscam retratar personagens e costumes da região (MARROQUIM, 2008 [1945]; RAMALHO, 1998).

Na presente pesquisa, investiga-se o fenômeno da negação dupla no sentido de redundante; mais precisamente, estudam-se, dentro do quadro teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, a delimitação de um envelope de variação a partir das estruturas apresentadas na Introdução, reproduzidas simplificada e abaixo:

- (8) as pessoas NÃO se atentam pra isso...
- (9) NÃO vou mais faze(r) faculdade NÃO...
- (10) coloquei junto NÃO...

Interessa saber, em primeiro lugar, se as estruturas em (9)-(11) são intercambiáveis entre si e em quais contextos isso acontece. A definição do envelope de variação é composta pelas variantes que de fato ocorrem na fala paulistana, bem como por uma discussão preliminar sobre as restrições que podem reger essas formas.

Corpus

Para este artigo, projeta-se a análise de um *corpus* de 12 entrevistas sociolinguísticas, gravadas pelo GESOL⁵ com sujeitos paulistanos estratificados com base em três variáveis sociais: sexo/gênero (masculino [M] e feminino [F]); faixa etária ([1] – entre 20 e 35 anos; [2] – entre 36 e 55 anos; e [3] – mais de 55); e escolaridade (até o ensino médio completo ou incompleto [-] e ensino superior completo ou incompleto [+]).

Tal amostra não contempla “toda” a complexidade social da cidade de São Paulo. Sua intenção, de acordo com os trabalhos do GESOL é, num primeiro momento, descrever os usos por parte de cidadãos nativos da cidade (num outro momento, deverão integrar os objetivos dos trabalhos do grupo, migrantes e imigrantes que vivem na cidade, bem como diferentes gerações de seus descendentes).

Essa amostra é constituída de 12 perfis sociolinguísticos, de acordo com a tabela abaixo:

⁵ Grupo de Estudos em Sociolinguística da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. Ronald Beline Mendes.

Tabela 1: Tabela geral de perfis

Sexo/Gênero	Faixa-etária	Escolaridade	Perfis
Feminino	1	+	1. F1+
			2. F2+
			3. F3+
	2	-	4. F1-
			5. F2-
			6. F3-
Masculino	1	+	7. M1+
			8. M2+
			9. M3+
	2	-	10. M1-
			11. M2-
			12. M3-
12 perfis x 4 informantes = 48 indivíduos/gravações			

No item seguinte, analisam-se as ocorrências das estruturas de negação extraídas dessa amostra qualitativamente, no intuito de se definir o envelope de variação.

Envelope de Variação

Como em qualquer pesquisa variacionista, o que permite analisar formas diferentes como variantes de uma variável é sua equivalência semântica ou funcional. Na fonética/fonologia, verificar tal equivalência é, em princípio, sem controvérsia, uma vez que a variação na pronúncia de um segmento não interfere no sentido de uma palavra (embora possa carregar consigo valores sociais). Por exemplo, na variedade carioca, Mollica e Paiva (1991) investigam a alternância das líquidas /l/ e /r/ em palavras como *bicicleta*. Note-se que a equivalência semântica mantém-se apesar da possível utilização da variante desprestigiada *bicic[r]eta*. Na morfossintaxe, esse exercício é menos direto. A fim de afirmar tal equivalência nas estruturas analisadas neste artigo, apresentar-se-á, no item seguinte, um modelo baseado no estatuto da informação da proposição sendo negada.

Para o estudo das estruturas de negação verbal como variantes de uma variável, então, é preciso definir os contextos em que essas formas são possíveis como alternativas; em seguida, faz-se necessário também verificar em que contextos as formas possíveis são de fato empregadas.

Convém perguntar se NEG1, NEG2 e NEG3 são intercambiáveis em qualquer contexto. Em (12), parece razoável considerar que as três teriam o mesmo significado, ou seja, as estruturas em (13) também seriam possíveis:

- (11) D1: não sofreu nenhum assalto nada assim?
 S1: nada eu acho que também o cara pra me assaltar tem que se(r) meio
 D1: não é é
 S1: tem que se(r) meio meio
 D1: que (vo)cê é bem alto

S1: é é então o cara não nunca sofreu nada meu meu sobrinho já sofreu aqui na porta de casa um cara roubou uns amigos nossos que (es)tava ali

D1: isso seu sobrinho mais velho aqui?

S1: isso é tem vinte e dois anos fazem uns... uns oito nove anos e foi um absurdo foi um comentário foi um dos primeiros assaltos que a gente viu aqui

D1: uhum

S1: mas assim aqui nessa região **a gente NÃO escuta muito NÃO...** assalto essas coisas mas sabe que tem né?

- (12) a. a gente não escuta muito...
b. a gente escuta muito não...

Há casos, contudo, em que a substituição de uma forma por outra não parece possível.

O modelo de Schwenter

Schwenter (2005) propõe um modelo de restrições para o emprego dessas estruturas de negação verbal baseado no estatuto informacional da proposição que está sendo negada. Para ele, só não há restrições para o emprego de NEG1. Assim, sempre que o emprego de NEG2 e NEG3 for possível num contexto, NEG1 também o será – mas nem sempre se observa o contrário.

O autor argumenta que, em PB, NEG2 e NEG3 não são possíveis quando a proposição negada traz informação nova no discurso. No exemplo abaixo, um indivíduo que esteja andando pela rua e, de repente, lembra-se de não ter desligado o fogão, poderia produzir NEG1 (14a), mas não NEG2 (14b) (SCHWENTER, 2005, p. 1434):

- (13) a. Nossa! Eu não desliguei o fogão.
b. Nossa! Eu não desliguei o fogão não!!

Schwenter (2005) propõe que NEG2 é uma estrutura possível quando a proposição que está sendo negada foi ativada no discurso anterior, seja de maneira direta ou indireta. Uma informação é dita diretamente ativada quando a proposição que está sendo negada foi produzida da mesma maneira em discurso anterior. Já as proposições indiretamente ativadas podem ter sido desencadeadas por outras proposições, de modo que aquela que está sendo negada pode ser dita uma proposição inferida; além disso, elas podem ser extralinguisticamente ativadas.

O exemplo (12) acima (*a gente NÃO escuta muito NÃO*) ilustra a negação de uma proposição inferida pelo informante – de que seria comum, naquele bairro, *escutar (ou saber de) ocorrências potencialmente perigosas e violentas*. Segundo o modelo de Schwenter, o licenciamento de NEG2 também poderia ocorrer caso o documentador indagasse a seu informante se *é comum escutar essas histórias no bairro*, constituindo, então, uma proposição diretamente ativada. Veja-se, abaixo, outro exemplo de NEG2 licenciada por uma proposição inferida:

(14) D1: e seus filhos brincam na rua ou não?

S1: meu/brincam mas brincam quando eu vou com eles... aí sim... mas p(r)a deixa(r) assim na rua eu tenho medo... apesa(r) que onde eu moro **(a) NÃO é perigoso NÃO...** as pessoas pensam que é perigoso onde eu moro mas **(b) NÃO é perigoso NÃO...** onde eu moro eu moro desde que eu nasci então é [...] [F1-01]

Em (15a), NEG2 nega uma proposição inferida pelo informante: *é perigoso onde moro*. Em (15b), a estrutura NEG2 se refere a uma proposição previamente ativada em (15a).

NEG3, por sua vez, poderia ocorrer apenas quando a proposição que está sendo negada foi diretamente ativada no discurso, como é o caso de (16), abaixo, em que a própria informante ativa a proposição *faz nada* no início de sua fala, e licencia, portanto, o caso de NEG3 que se segue:

(15) D1: É e o ... (vo)cê acha que o governo faz o suficiente?

S1: não. Faz nada. não faz nada mesmo. Os programas que eu vejo na televisão assim, as vez(es), é... uns ajudando os outros. Agora não sei. Eles fazem show(s), eles faz, fala que vai doar não sei quanto, assim pa orfanato, pa instituições, entendeu? Acho bacana a parte deles (es)tando ajudando, mas o governo mesmo... **faz nada NÃO**. [F2-]

Dessa forma, podem ser resumidos, com o quadro abaixo, os contextos discursivo-pragmáticos em que as estruturas de negação em foco são possíveis, de acordo com Schwenter (2005)⁶:

Quadro 1: Resumo do modelo de Schwenter (2005)

	Informação Nova	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	-	OK	OK
NEG3	-	-	OK

Os dados paulistanos

De acordo com as considerações acima, acerca do modelo de restrições pragmáticas de Schwenter (2005), seria possível, em princípio, propor dois envelopes de variação:

Quadro 2: Envelopes 1 e 2 para a negação verbal

	SEM VARIAÇÃO	ENVELOPE 1	ENVELOPE 2
	Informação Nova	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	-	OK	OK
NEG3	-	-	OK

Como se pode ver na terceira coluna do Quadro 2 acima, o Envelope 1 englobaria os casos de NEG1 e NEG2 cujas proposições negadas são inferidas. O Envelope 2, na quarta coluna, abarcaria as três variantes possíveis nos casos em que se nega uma proposição diretamente ativada.

⁶ Adaptado de Schwenter (2005, p. 1452).

No entanto, o presente estudo propõe que o “envelope paulistano” seja um pouco diferente. Os dados extraídos da amostra piloto permitem levantar questionamentos sobre as restrições para NEG3 na proposta de Schwenter (2005). Observem-se os exemplos (17) e (18):

- (17) D1: Bagunceiro os três?
 S1: O Kaun tem um aninho... vai faze(r) um ano ainda... mas assim.. mas eles tem o(u)tros primo(s) que é assim... da família do meu ex-marido que me chama de tia ainda... mãe e pai dos filho(s) deles é:: é quase oito ano(s) me chamando de tia mora tudo do lado assim também...
 D1: Hum... e brinca na rua assim todos juntos?
 S1: Brinca(m)...
 D1: e estuda tudo na mesma escola?
 S1: não... estuda(m) em escola:: tipo... em o(u)tra escola... **coloquei junto NÃO...** [F1-]
- (18) D1: e tem crianças na sua ali perto da sua casa que estudam lá nesse, nessa escola, (es)tão lá?
 S1: (no) CEU não... **conheço NÃO** [F2-]

Nesses exemplos, NEG3 não parece negar uma proposição diretamente ativada nos termos definidos pelo autor, nos quais quase sempre o verbo a ser negado é o mesmo da proposição ativada.

Nesses exemplos, NEG3 se aplica a proposições muito diferentes daquelas que foram diretamente ativadas pelo interlocutor. Em (17), a proposição que está sendo negada é “*eu coloquei junto [na escola]*” e, em (18), “*eu conheço meninos que estão lá nessa escola*”. Contudo, as proposições diretamente ativadas são muito distintas, respectivamente: “*as crianças estudam na mesma escola*” e “*tem crianças que estudam lá nessa escola*”. As respostas negativas esperadas, com NEG3, deveriam ser, portanto, “*estudam não*” e “*tem não*” - de acordo com as restrições estabelecidas por Schwenter (2005).

Desse modo, uma possível hipótese para o português paulistano, diferentemente do que propõe Schwenter (2005) para o PB (com base, sobretudo, em dados de fala do Rio de Janeiro), é que NEG3 poderia ser também licenciada em casos cuja proposição sendo negada é inferida (e não, necessariamente, diretamente ativada). Dessa forma, os dados da amostra paulistana até aqui analisados forneceriam evidência a favor da adaptação dos envelopes acima apresentados, de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 3: Reformulação do modelo de Schwenter (2005) de acordo com os dados da variedade paulistana do português

	Informação Nova	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	-	OK	OK
NEG3	-	(OK)	OK

É da maior importância considerar, contudo, que a proposta de restrições pragmáticas para NEG3 tem sido formulada com base em pouquíssimas ocorrências. Schwenter (2005) admite trabalhar com um número muito reduzido de dados de NEG3. Do mesmo modo, na amostra da VPP foram verificadas apenas 4 ocorrências, que representam menos de 1% do total de dados.

Quadro 4: Distribuição geral dos dados de NEG1, NEG2 e NEG3 na amostra da VPP

NEG1	NEG2	NEG3	Total
940	117	4	1061
88%	11%	1%	100%

Vale ainda ressaltar que, ao menos nessa amostra, esses poucos casos de NEG3 apareceram na fala de duas informantes cujos pais não são oriundos da cidade de São Paulo. Duas ocorrências foram encontradas numa entrevista com uma paulistana cujo pai é alagoano e cuja mãe é baiana; as duas restantes foram encontradas na entrevista com uma paulistana cujos pais são naturais do interior do estado de São Paulo.

A baixa frequência de NEG3 na fala de paulistanos cujos pais não são paulistanos pode ser um indício de que tal estrutura de fato não seja característica da VPP, corroborando o caráter diatópico da variante (cf. “Objeto de Estudo”). De acordo com Guy (2007), é estatisticamente inviável propor um envelope de variação ternária (com três variantes) quando a frequência de uma delas é menor que 5%. Assim, embora NEG3 pareça ser possível em alguns contextos a mais do que aqueles propostos por Schwenter (2005), tal forma é, efetivamente, muito pouco empregada – de modo que seria o caso de redesenhar o envelope considerando o conjunto das outras duas variantes:

Quadro 5: Variantes que compõem o Envelope Paulistano

	ENVELOPE PAULISTANO	
	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK
NEG2	OK	OK

O Envelope Paulistano contemplaria, portanto, as variantes NEG1 e NEG2 em casos cujo estatuto informacional da proposição sendo negada fosse tanto direta como indiretamente ativada (inferida).

Conclusões

Com a análise dos dados obtidos da amostra da VPP, pode-se observar que, ao contrário do que se poderia imaginar, as três estruturas de negação verbal em PB - NEG1, NEG2 e NEG3 – não variam irrestritamente em qualquer contexto pragmático-discursivo nessa variedade.

O estudo dos dados do português paulistano a partir do modelo de análise proposto por Schwenter (2005) para o PB permitiu que se observassem duas peculiaridades quanto ao comportamento dessas variantes na VPP.

A primeira delas diz respeito à restrição para a produção de NEG3, a qual não parece seguir exatamente o modelo de Schwenter (2005). Neste trabalho, indagou-se se NEG3 não compartilharia as restrições pertinentes à NEG2. Após a análise dos exemplos apresentados, concluiu-se que NEG3 na VPP de fato compartilha seu quadro de restrições com NEG2 (cf. “Os dados paulistanos”).

O segundo ponto a se tratar sobre os dados analisados se refere à frequência das variantes. A maior frequência de NEG1 era esperada tomando-se como base os resultados de outros trabalhos (BARME, 2005; CAVALCANTE, 2007) e a seu caráter *canônico* (cf. “Objeto de estudo”). A baixa frequência de NEG, apesar de também encontrada em outros trabalhos, mostrou-se particularmente baixa na amostra do VPP. Cavalcante (2007), por exemplo, trabalha com uma frequência de 6% para NEG3; enquanto que na amostra paulistana, os exemplos de NEG3 não chegam a 1%.

Essa análise dos dados permitiu que fosse proposto neste artigo um envelope de variação (denominado Envelope Paulistano) que contemplasse as variantes da negação verbal que de fato ocorram na VPP. Desse modo, o Envelope Paulistano é composto pelas variantes NEG1 e NEG2 em contextos em que o estatuto informacional da proposição sendo negada seja direta ou indiretamente ativada (Quadro 6).

REFERÊNCIAS

BARME, S. A negação no brasileiro falado informal. *Zeitschrift für romanische Philologie*, n 121, ed. 3, p. 405-425, 2005.

BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: PETTER, M. M. T.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *África no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-63.

BRENNER, T. D. M. *Modelo de Klima e a dupla negação em Português*. Porto Alegre: EDURGS, 1981.

CAVALCANTE, R. *A negação pós-verbal no português brasileiro: Análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GUY, G. R. Varbrul: análise avançada. In: GUY, G.; ZILLES, A (Orgs.). *Sociolinguística quantitativa - instrumental de análise*. Tradução de Ana Zilles. São Paulo: Parábola, 2007.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2006.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 4. ed. Alagoas: UFAL, 2008. [1945].

MELLO, H. R. D. et al. O português vernáculo do Brasil. In: PERL, M.; SCHWEGLER, A. (Orgs.). *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main: Vervuert, 1998. cap. 2, p. 71-137.

MIOTO, C. *Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MOLLICA, M. C. D. M.; PAIVA, M. D. C. Restrições estruturais atuando na relação entre [L] → [R] e [R] → Ø em grupos consonantais em português. *Boletim da ABRALIN*, v. 11, jun. 1991.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.

PETTER, M. M. T. A negação em algumas línguas do grupo banto. *Revista Estudos Linguísticos*, v. XXXIII, p. 268-273, 2004.

RAMALHO, E. B. Aspectos do falar nordestino em Samarica Parreira. *Revista de Letras*, v. 20 (1/2), jan./dez. 1998.

SCHWEGLER, A. El palenquero. In: PERL, M.; SCHWEGLER, A (Orgs.). *América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main: Vervuert, 1998. cap. 4, p. 219-291.

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 115, p. 1427-1456, 2005.